

Tombo de Pais 918
Mulher 151 11, 918

7

COLLECCAO ANTONIO MARIA PEREIRA

MIGALHAS DE HISTORIA PORTUGUEZA

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel. Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina. Para as provincias accresce o porte do correio

Volumes publicados

- N.º 1 — *Tristezas á Beira-Mar*, romance de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 2 — *Contos ao Luar*, por Julio Cezar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen*, romance de Merinée, traducção de Mariano Level, 1 vol.
N.º 4 — *A Feira de Paris*, por Iriel, 1 vol.
N.º 5 — *A Mascara Vermelha*, romance historico de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duqueza*, romance historico por P. Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A lenda da meia-noite*, romance phantastico, por P. Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do vice-rei*, romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra d'artista*, romance de Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores*, contos e balladas, por Trindade Coelho, 1 vol.
N.º 13 e 14 — *A aventura d'um polaco*, por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim*, por R. Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Guiomar Torrezão, 1 vol.
N.º 17 — *Noites de Cintra*, romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 18 e 19 — *Em segredo*, romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vol.
N.º 20 e 21 — *A Dmã da Cavidade*, por Emilio Castellar, traducção de L. Q. Chaves 2 vol.
N.º 22 — *Migalhas de historia portugueza*, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 23 — *A Cruz de Brilhantes*, por A. Campos, 1 vol.
N.º 24 — *Contos*, de Affonso Botelho, 1 vol.
N.º 25 — *Contos phantasticos*, por Theophilo Braga, 1 vol.
N.º 26 — *O mysterio da estrada de Cintra*, por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, 1 vol.
N.º 27 — *O naufragio de Vicente Sodré*, rom. historico de P. Chagas, 1 vol.
N.º 28 — *Viad'airada*, por Alfredo Mesquita, 1 vol.
N.º 29 — *O Bacharel Ramires*, por Candido Figueiredo, 1 vol.
N.º 30 e 31 — *Amor á antiga*, romance de Cael, 2 vol.
N.º 32 — *As Netas do Padre Eterno*, por Alberto Pimentel
N.º 33 — *Contos*, de Pedro Ivo, 1 vol.
N.º 34 — *O correio de Lyão*, por Pierre Zaccone.
N.º 35 — *Vida de Lisboa*, por Alberto Pimentel.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

PINHEIRO CHAGAS

MIGALHAS

DE

HISTORIA PORTUGUEZA



LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1900



As campanhas da Restauração

I

Q livro, que o sr. Canovas del Castillo acaba de editar em Hespanha, é o mais curioso que um portuguez podia esperar encontrar na litteratura hespanhola do seculo xvii. O sr. Canovas del Castillo tem empregado as longas treguas politicas que o sr. Sagasta lhe tem arranjado, em se entregar a muitos estudos litterarios, historicos e politicos tambem, mas de politica mais elevada e mais geral. (1) Foi assim que publicou os *Problemas contemporaneos* e o *Solitario e o seu tempo*, estudo interessantissimo ácerca de uma das physionomias hespanholas mais curiosas dos nossos dias.

N'este momento, porém, parece decidido a abandonar essas treguas e a lançar-se de novo na politica militante. O partido conservador põe-se em movimento, e Canovas parece estar prompto a dar o signal da lucta. Comtudo, uma parte da população hespanhola mostra-se desejsosa de o fazer voltar para a sua abstenção, e o procedimento dos estudantes de Madrid e de muitas outras corporações para com o chefe do partido conservador, parece indicar a Canovas, não que tem de voltar para o socego, como lh'o querem indicar, mas de apressar a sua volta á vida activa, porque elle não é he-

(1) Isto foi escrip'to ha uns poucos de annos.

mem que recue diante da lucta; estas provocações não são senão estímulos para o combate.

Bom foi porém que já n'este anno, mas antes d'essas manifestações politicas, o sr. Canovas del Castillo tivesse tido tempo de ir sacar do pó dos archivos de alguma casa fidalga este livro interessantissimo intitulado *Memorias de D. Felix Nieto da Silva, marquez de Tenebron*, publicação empreendida pela sociedade dos bibliophilos hespanhoes, mas dirigida pelo eminente estadista D. Antonio Canovas del Castillo,

Quem era este D. Felix Nieto da Silva, marquez de Tenebron? Era um fidalgo hespanhol do seculo xvii, que combateu nas hostes de Philippe IV, e combateu contra quem? contra os nossos antepassados, contra os Portuguezes, e escreveu muito despretenciosamente, muito singelamente, e tambem muito anecdoticamente as suas *Memorias*, muitos capitulos das quaes são consagrados exactamente ás suas luctas com os Portuguezes.

Ora nós, que não temos para nos contar essa guerra senão o grave e solemne *Portugal Restaurado*, que desconhecemos por conseguinte completamente, ou só vagamente conhecemos a historia intima d'essas campanhas, ficámos radiantes de contentamento ao encontrarmos as lembranças pessoaes de um official que n'essa guerra serviu, e que conta as suas impressões e os incidentes da sua vida de soldado.

Mas vejamos primeiro quem era o homem. Era filho segundo de uma familia nobilissima e nascera em Ciudad-Rodrigo em 1735.

O seu irmão mais velho era D. Luiz Nieto da Silva, que foi visconde de S. Miguel, cavalleiro de Calatrava, e corregedor em Zamora durante tres annos. O modo como D. Luiz exercera essa auctoridade é minuciosamente narrado pelo bispo de Zamora n'uma memoria dirigida ao rei, e em que se queixa amargamente de todas as violencias, arbitrariedades e escandalos que o corregedor praticava.

D. Felix Nieto da Silva era homem mais pacato, grande devoto de Nossa Senhora da Penha de França. Oicámos o que diz a respeito d'elle e das suas *Memorias* o sr. Morel-Fatio no artigo que consagra na *Revista Britannica* ao livro editado por Canovas:

«As suas *Memorias* pintam-n'o como um bom gentil-homem, escrupuloso no cumprimento dos seus deveres de soldado ou de magistrado, devotissimo, como se disse, e por conseguinte um pouquinho credulo, mas nada contemplativo; preoccupando-se, quando é preciso, com a sua promção, e não abandonando, pela gloria da vida futura, os

seus interesses terrestres. Em summa, um hespanhol de puro sangue, com muitos dos predicados e alguns dos defeitos da sua raça. O seu periodo de estroinice teve-o elle como todos, mas não o prolongou por muito tempo: por aqui, por acolá, galanteios e algumas cutiladas dadas com boa ou má sorte. D. Felix passa rapidamente por essas rapaziadas, essas *mocedades*, como se diz em Hespanha; também é certo que não podia decentemente attribuir á sua santa padroeira a honra d'essas extravagancias. Casou muito novo, sendo ainda official de cavallaria, e, segundo elle diz, menos por gosto do que para obedecer áquella que presidia aos seus destinos. «Aproveu a Nossa Senhora tirar-me do estado de solteiro, que é terrível, e incitar-me a casar-me, coisa então inteiramente contra a minha indole; mas quando Deus ajuda, por intermedio de sua gloriosa mãe, não ha difficuldade de que se não triumphe, nem inclinação de que se não mude.

«Acostumou se a essa vida nova, e tomou gosto por ella, a tal ponto, que por duas vezes renovou a experiencia. D'essas tres mulheres falla em termos, senão ternos, o que seria pouco hespanhol, pelo menos em termos sufficientemente amigaveis.

«As Memorias de D. Felix Nieto da Silva são essencialmente militares. O primeiro periodo da sua vida passou-o elle todo a guerrear, como capitão e depois como mestre de campo, na fronteira de Portugal. Desde a revolução de Portugal de 1640, que partiu violentamente os laços que Philippe II, sessenta annos antes, conseguira atar entre os dois Estados peninsulares, os Hespanhoes, para reconquistarem o que tinham perdido, e os Portuguezes para reconquistarem a sua independencia, batalharam uns trinta annos e ás vezes com desespero. Guerra mal conduzida e pouco gloriosa para a Hespanha, que gastou os generaes, os soldados e os recursos que lhe restavam, e teve afinal de contas a humilhação de não poder debellar aquelles a quem chamava rebeldes. Graças á impericia dos generaes hespanhoes, ou antes do governo que muitas vezes paralysoou os seus esforços, e graças tambem ao apoio que Portugal encontrou junto de varias potencias estrangeiras, este recanto (*rincon*) tão cubicado pelos hespanhoes, e em que não fallam sem despeito, escapou-lhes definitivamente. Nieto da Silva não se importa com a politica: não ha nas suas *Memorias* reflexões sobre as causas nem sobre as consequencias d'esta guerra. Não vê senão o que se passa diante dos seus olhos, e não conta senão as cutiladas que deu ou que recebeu. Quem o ouvir dirá que deu e recebeu muitas, e até que deu mais do que recebeu.

«E' bem possível. E, depois de descontar o que se deve attribuir á imaginação meridional, que sempre vê as coisas maiores do que são na realidade, deve-se confessar em boa fé que as narrativas de Nieto da Silva teem um tom verdadeiro de sinceridade. Se ás vezes lhe succede forçar um pouco a dose, podem acreditar que não é para se gabar, porque afinal de contas pode-se dizer que se mostra sempre modesto; mas é, sobretudo, porque se mostra profundamente convencido de que as coisas se passaram assim. Fie-mo-nos n'elle, e bemdita seja Nossa Senhora da Penha de França, que soube fazer em seu proveito tão bellos milagres.»

Ha só um ponto que temos de rectificar n'estas observações; é que Portugal bem pouco deveu ao auxilio estrangeiro. Se nos primeiros oito annos de guerra teve a felicidade de ver a Hespanha a braços com a guerra a que poz termo a paz de Westphalia, e nos primeiros dezenove annos com aquella a que poz termo a paz dos Pyreneus, em compensação teve de lutar sósinho contra a Hespanha nos ultimos oito annos da lucta. As grandes batalhas da guerra — Linhas d'Elvas, Ameixial, Montes-Claros, Ciudad-Rodrigo, são d'esse periodo. A das Linhas d'Elvas já a ganhára, mas quando a Hespanha, a negociar com a França, podia fazer cahir sobre nós todo o peso da guerra; as outras duas ganhamol-as no periodo em que a França nos abandonava completamente, tendo sacrificado a nossa alliança á Hespanha e aos resentimentos de D. Luiz de Haro, o vencido das Linhas d'Elvas. Vamos porém seguir este curioso e tão inesperado livro.

II

Entre os differentes trechos curiosissimos das *Memorias* de D. Felix Nieto, que mais especialmente se referem a Portugal, ha um, que tem sido citado por todos os escriptores que se teem occupado do livro, e que realmente é encantador. E' a historia da capitulação de Lumbrales. Eis como D. Felix Nieto conta essa historia.

Digâmos em primeiro logar que os Hespanhoes, cercados pelos Portuguezes de Pedro Jacques de Magalhães na villa de Lumbrales, tinham sido obrigados a refugiar-se na igreja. Tinham para lá entrado com tanta fome e prin-

cipalmente com tanta sede, que a primeira coisa que fizeram foi despejar as pias da agua benta. Ora elles não tinham nem que comer nem que beber. Assim, passaram um dia e uma noite por tal forma bloqueados que os Portuguezes até tinham levantado barricadas nas ruas.

«Veiu a manhã, diz D. Felix, e sentimos grande alegria ao vêr apparecer um grosso de infantaria de cerca de seis batalhões porque julgámos que vinham soccorrer-nos, e principiámos por conseguinte a preparar a nossa sortida. Mas não era o que pensavamos; essa gente era um reforço que vinha para o inimigo, de forma que nos achámos em situação ainda peor que d'antes. Atormentavamos a sede, a ponto que, tendo-se apagado por falta de azeite a lampada que arde diante do Santissimo Sacramento, o meu tenente approximou-se e bebeu a agua que lá estava dentro. Os soldados e eu não podiamos mais, e já o inimigo tocava á chamada. Assim ficámos até á noite. N'esse momento, enquanto eu e os outros capitães conversavamos com o general, veiu o tenente do conde de Fontana, que estava connosco, e disse ao general:

— «Tenha Vossa Senhoria cautella. Se não manda tocar o tambor para chamar o inimigo, fazem-n'o os soldados, que elles já não pódem.» Effectivamente era verdade, porque só para fallar era necessario fazer esforços extraordinarios. Vendo-nos portanto n'esse estado, e sem esperanças de sermos soccorridos, pareceu-nos a todos que não havia remedio senão responder á chamada do inimigo. Assim se fez e decidiu-se que entrassem no nosso forte, por uma escada de mão, dois capitães do inimigo como refens, emquanto dois dos nossos iriam capitular.

Concluido isto, entraram Carlos de Torres e o filho de Pedro Jacques de Magalhães, e o general ordenou-me que sahissemos eu e o barão d'Andelot. Quiz recusar-me a sahir, mas o general não consentiu. Sahi por conseguinte contra minha vontade, e o dito barão commigo. Disse-me então o general que punha a sua honra nas minhas mãos, que devia pensar bem no que fizesse, e que a capitulação não se devia pôr por escripto, mas devia ser tratada de gentil-homem para gentil-homem. Entendo que discorreu bem.

Saimos, e, como o barão era borgonhez, e a fome e a sede eram grandes, disse-lhe eu:

— «Cautella, sr. barão! Se os inimigos lhe offerecerem comida ou bebida, não accete! Cuidado com o diabo!»

Prometteu comportar-se bem. Chegámos nós ambos sózinhos ao pé do inimigo. Vieram muitos officiaes ao uosso

encontro, e eu, que estivera prisioneiro e me tinha muita vez batido contra elles, conheci muitos. Cumprimentámo-nos, depois o tenente-general da cavallaria approximou-se de mim e disse-me: «O sr. Pedro Jacques manda-me aqui para que me digam o que querem.» Pareceu-me que, se eu não conferenciasse com o general em pessoa, não obteria tão boas condições. Respondi-lhe:

— «O sr. Pedro Jacques sabe que fui eu que sabi?

Disse elle:

— Sabe, sim, senhor.

E eu:

— Não pôde ser, porque o tenho na conta de um gentil-homem muito cortez, e, se elle soubesse que fôra D. Felix da Silva quem saíra, não me teria mandado esse recado. Assim lh'o digo, porque, se eu não podér fallar a sua senhoria, não me restará senão voltar para o meu forte.

Foi-se embora com esta resposta, depois voltou dizendo-me que o sr. Pedro Jacques me pedia que lhe fosse fallar. Fui, e, depois de nos termos cumprimentado, perguntou-me o que era que eu queria. Disse-lhe:

— «Venho apenas saber o que vossa senhoria quer. O meu general, tendo ouvido o toque da chamada repetido que vossa senhoria mandou fazer, mandou-me saber o que era.

Pedro Jacques desatou a rir e disse-me:

— O que eu quero é levar os para Lisboa, que é uma cidade muito agradável.

Pareceu-me que devia fazer boa cara á má sorte, e disse-lhe, rindo:

— Vossa senhoria deve ser muito rico.

— Rico, porque?

— Ah! sim, por força que tem muita riqueza. Os homens que estão fechados ali dentro, não saem de lá senão feitos em pedaços. Ora parece-me que d'aqui até Lisboa os pilares das suas egrejas deviam ter um certo valor.

— Não tenha receio, respondeu elle, e, como pôde vêr, já dei ordem para se dar o assalto.

Era verdade, porque tinham preparado um grande numero de escadas, atando as mais curtas ás outras, e a infantaria trabalhava n'isso com ardor.

Desatei a rir e disse-lhe:

— Não supponho que seja tolo, sr. Pedro Jacques, e seria tolice conceder-nos este favor.

— E porque não?

— Senhor Pedro Jacques, todos aqui somos soldados, e o que nos faz mal são os tiros dos seus mosqueteiros. O assalto ser-nos-hia muito agradável, porque só assim é que

os podemos maltratar, tendo as armas de que se precisa para isso, ao passo que para chegarmos ao sítio onde estão, não as temos. Se não é do meu parecer, deixe-me ir embora e comece a operação. Verá o que resulta d'ahi.

Conversámos assim por muito tempo, e com certeza, durante essa discussão toda, a Santissima Virgem me deu audacia e amparo, porque me sahi bem. Afinal, disse-me :

— Então, que quer que se faça ?

— Sahirmos do forte e os seus entrarem para lá, só com a condição de não tocarem na propriedade dos habitantes, e de deixarem ir cada um de nós para as suas terras.

— E assim, que vantagem temos nós ?

— A gloria de nos fazer entregar o forte ! Isso nada é ?

Emfim, depois de muitos debates, ficou decidido que o general e todos nós, capitães de cavallaria, sahiriamos com os nossos cavallos e as nossas armas, que os soldados entregariam os seus cavallos e as suas armas offensivas, mas conservariam as suas armas defensivas, que se não tocaria em nada do que os habitantes tinham consigo na egreja, que poderiamos retirar-nos com toda a segurança para Salices, e que elle voltaria no dia seguinte para Portugal.

Magalhães disse então :

— Escrevamos a capitulação.

Eu respondi :

— Esta capitulação trata-se de gentil homem para gentil-homem.

— Bem ! eu fallarei n'isso aos meus officiaes, e avisal-o-hei.

Foi-se embora, e eu fiquei conversando com os officiaes do meu conhecimento. O meu companheiro, barão d'Andelot, na sua qualidade de estrangeiro, não fallava bem, e talvez nem percebesse nada da nossa conferencia : de fórma que concordou com tudo que eu ajustára. Aqui, houve um incidente divertido. Tendo alguém offerecido ao barão um copo de vinho, elle, sedento como estava, estendeu a mão para o receber. Nesse momento olhei para elle, e logo se lembrou da advertencia que eu lhe fizera quando sahimos. Conteve-se e não o tomou. Dois annos depois disse-me elle :

— Deus lhe perdôe esse copo de vinho que me impediu de tomar.

Pedro Jacques de Magalhães mandou-me dizer que todos concordavam em acceitar a capitulação, e que nos podiamos retirar. Partimos, e tornámos a subir pela escada para o forte, emquanto os refens d'ali sahiam. Dei conta da confe-

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

